



CULTURA E IDENTIDADE ÉTNICA NA OBRA “MACUNAÍMA”

Autor (1) Amanda Mikaelly Nobre de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN), amandasouza1997@outlook.com

Co-autor (1) Anny Catarina Nobre de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN), anny-catarina13@hotmail.com

Co-autor (2) Sérgio Domiciano Gomes de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN), sergio_gsouza@hotmail.com

Co-autor (3) Sabrina Mater Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – (UERN), sabrinamater@hotmail.com

RESUMO:

Considerando a relevância dos textos literários para compreensão da nacionalidade brasileira, este artigo tem como objetivo analisar a obra “*Macunaíma*” como subsídio ao conhecimento histórico do país, sob o enfoque cultural e social, concernente a construção da identidade nacional. Para esse estudo, temos como embasamento teórico as reflexões de Bosi (2006) e (1988), Cavalcanti (1998) e Galvão (1998) que fundamentam a leitura analítica acerca do movimento literário – modernismo, da referida obra, bem como dos aspectos sociais do Brasil relacionados a cultura e identidade étnica nacional. Nessa perspectiva, este trabalho caracteriza-se como sendo de abordagem qualitativa, uma vez que visa o entendimento de um fenômeno em estudo, como também explicativa, por apresentar reflexões compreensivas referentes aos aspectos sociais que a obra literária revela. Com isso, ressaltamos que *Macunaíma*, enquanto cânone literário, constrói uma imagem do Brasil, a partir de aspectos sociais de caráter nacionalista. Dessa forma, o estudo realizado permite compreender a narrativa, que revestida sob os planos estético e ideológico, utilizados pelo autor, através da figura de Macunaíma e dos aspectos sociais a que este encontra-se inserido, proporciona uma interpretação conceitual da obra relacionada a construção da identidade do brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Aspectos sociais; Literatura; *Macunaíma*; Nacionalidade.

1 INTRODUÇÃO

Enxergando a literatura como uma forma de compreender o mundo e, nesse contexto de estudo, como pertinente, entre outros aspectos, para a compreensão da nacionalidade brasileira, o presente trabalho tem como objetivo analisar a obra “*Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*” como subsídio ao conhecimento histórico do país, sob o enfoque cultural e social, concernente a construção da identidade nacional.

Além disso, propomos refletir acerca do Modernismo, movimento literário a que se refere a obra, sob o olhar do autor Mário de Andrade, bem como sintetizá-la através de alguns apontamentos. Afim de alcançar tais objetivos, temos como embasamento teórico as reflexões de Bosi (2006) e (1988), Cavalcanti (1998), Galvão (1998), Lafetá (2004) que fundamentam a leitura analítica relacionada as referidas finalidades propostas com este trabalho.

Assim sendo, caracterizamos este trabalho como sendo de abordagem qualitativa, uma vez que consiste em um estudo que possibilita a compreensão de uma percepção obtida na obra. Ademais, a pesquisa é de natureza explicativa, por apresentar reflexões compreensivas referentes aos aspectos sociais de construção da nacionalidade brasileira, revelados pela referida obra literária. Essa, então, é a nossa hipótese inicial, de que “*Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*”, enquanto cânone literário, constrói uma imagem do Brasil, a partir de aspectos sociais, de caráter nacionalista, atribuídos ao personagem.

Dessa forma, esta pesquisa encontra-se organizada em quatro seções. A primeira compreende uma discussão teórica sobre o período literário pertencente a Mário de Andrade, bem como sua obra literária, mencionada anteriormente: o Modernismo. A segunda consiste na reflexão acerca dos estratos socioculturais do Brasil, percebidas na obra. A terceira concerne na síntese da obra, em sua totalidade, juntamente com algumas observações, de caráter analítico, sobre pontos relevantes apresentados na obra, relacionados aos objetivos propostos. A quarta seção diz respeito a análise dos aspectos sociais, que a obra apresenta e que condicionam a construção da nacionalidade brasileira, configurando-se como o objetivo principal deste trabalho. Ao final, é realizado comentários conclusivos sobre o estudo analítico realizado acerca dessa obra.

2 O Modernismo sob a ótica de Mário de Andrade

O Modernismo brasileiro se constitui como um movimento, ou para muitos historiadores como um acontecimento público do século XX, que Segundo Bosi (2006), passou a ser reconhecido como um divisor de águas, na qual se fixou a semana da arte moderna realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo.

Na época, a preocupação dos autores era apresentar uma linguagem diferente, em relação aos movimentos literários anteriores, isto é, adequar novas formas de expressar a cultura brasileira, bem como alguns aspectos sociais de caráter nacionalista. De acordo com Lafeté (2004, p. 58) “[...] O modernismo destruiu as barreiras dessa linguagem “oficializada”, acrescentando-lhe a força ampliadora e libertadora do folclore e a literatura popular”, percebe-se, pois que esse evento literário consiste no desejo de liberdade do tradicionalismo, além da tentativa de compreender o Brasil.

Esse movimento literário, assim como outros, apresenta uma visão acerca da identidade brasileira, da qual, através de uma linguagem coloquial à época, apresenta características de pertinente destaque: libertação estética de uma linguagem tradicional, relativização da pontuação, presença de humor, bem como a descrição da natureza.

Com atenção voltada a Mário de Andrade e a obra “*Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter”, dizemos que o escritor se destacou nesse período, através de uma escrita que, por ser reflexo da cultura popular da época, exige muito do leitor. Crenças africanas e indígenas, folclore brasileiro, e raças distintas (o branco, o índio, o preto) são aspectos de natureza sociocultural apresentados na obra, e que se relacionam com a ideia de construção da nacionalidade do Brasil.

Nessa perspectiva, compreendemos que o Modernismo, através do cânone literário “*Macunaíma*”, enxerga a identidade brasileira em múltiplas dimensões (pluralidade), bem como sob uma abordagem de um país multicultural, miscigenado, de grandes ideias estéticas e ideológicas. Subintitulado como “o herói sem nenhum caráter”, a obra traz um personagem sem caráter, e que devido a isso apresenta uma multiplicidade de personalidade.

Ainda nessa ampla dimensão percebida na obra, o autor atribui várias características ao brasileiro a partir do personagem principal, como: “luxúria, cobiça, tristeza, preguiça e romantismo” (p. 38). Sobre essa visão, Galvão (1998, p. 30) enfatiza que “*Macunaíma*, simultaneamente “um herói sem nenhum caráter” e “herói de nossa gente”, encarna três raças formadoras, “que é um índio/preto/branco”.

Dessa forma, a rapsódia, enquanto uma reunião de cânticos e histórias contadas (o mítico), tem como intuito expressar os traços que representam a nossa cultura popular, através de um personagem que apresenta várias identidades, o que resulta na ideia de construção da nacionalidade do Brasil.

3 Estratos socioculturais do Brasil na obra literária “*Macunaíma*”

A época de publicação do livro, 1928, foi um momento muito oportuno em que pretendia-se, preliminarmente, dar protagonismo ao Brasil. O período era propício tanto no plano artístico cultural, com o modernismo, quanto no plano político social, pois já se ensaiava o industrialismo brasileiro, que se fortificara dois anos depois com o governo nacionalista de Getúlio Vargas. Os representantes de ambas as vertentes imbuíam-se de um só sentimento e plano: construir uma identidade nacional ao revés da cultura europeia que penetrava até então.

Assim, os aspectos descritos anteriormente são possíveis de se identificar em passagens da obra “*Macunaíma*”, como a vida urbana, afirmação genuína do processo industrial, vivenciada pelo herói quando chega em São Paulo com seus irmãos e fica bastante impressionado com o modo agitado e o ambiente distinto do que estava habituado, onde o próprio descreve em a “*Carta pras Icamíabas*”. A passagem abaixo ilustra essa percepção:

Cidade é belíssima, e grato o seu convívio. Toda cortada de ruas habitualmente estreitas tomadas por estátuas e lampiões graciosíssimos e de rara escultura; tudo diminuindo com astúcia o espaço de forma tal, que nessas artérias não cabe a população [...]. (ANDRADE, 2000, capítulo IX)

Dito isto, além do fator já correlacionado, é importante ressaltar o conceito geográfico de lugar, pois antes de ser uma categoria de análise espacial, se caracteriza, de acordo Cavalcanti (1998), como o local em que o indivíduo possa se sentir ambientado. Tornando-se assim, o lugar, não uma mera localidade, mas algo que apresente uma significância de afetividade pra um indivíduo ou grupo de indivíduos.

Outrossim, perpassando por diversos momentos do cânone literário, é possível nos deprendermos sobre o modo cultural do Brasil Republicano da época. A obra, através de uma “desregionalização” do país, apresenta várias características de ordem cultural, descrevendo tipos gastronômicos, crenças populares – muitas delas relacionadas ao folclore. Nesse sentido, sob nossa ótica, a referida obra apresenta uma construção cultural de todo o país, dando ênfase as crenças indígenas e a influência da cultura africana – através do Candomblé, chamado na obra de macumba.

Dessa forma, com a perspectiva de construção do anti-herói brasileiro, através da figura de Macunaíma, o autor exalta estratos socioculturais do Brasil perpassando por características referentes à época, que garantem a obra um pano de fundo histórico, do ponto de vista social, na caracterização do protagonista as suas peculiaridades como, formação da identidade nacional do Brasil. Por sua vez, esta também constrói e idealiza as características da própria personagem, marcando assim um elo recíproco entre o cidadão e a pátria, evidenciando o caráter atemporal da obra, de possibilitar ao leitor compreender a construção nacional do país mesmo não estando inserido no cenário sócio-histórico da texto literário.

4 A obra “*Macunaíma*”: síntese e apontamentos

A narrativa literária “*Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*”, que inaugura o Modernismo no Brasil, sinteticamente falando concerne numa tentativa de construção da identidade do brasileiro, uma obra, portanto, de caráter nacionalista, que através do personagem principal, que intitula obra, apresenta uma multiplicidade de cultura, crenças e valores morais, além de uma motivação principal, que consiste no plano lúdico, de narrar histórias lúdicas.

No que concerne ao tempo, dizemos que a rapsódia por apresentar significante representatividade de mitos, lendas e provérbios, tem predominância do tempo cronológico lúdico, da fantasia. Quanto ao espaço, a obra se passa numa selva amazônica, em seguida no espaço urbano, na cidade São Paulo e, posteriormente a narrativa mostra a passagem do personagem Macunaíma em várias regiões do país, numa velocidade mágica.

De modo a apresentar uma síntese analítica da narrativa, e com isso expor as ideias do autor para com a obra, destacamos que, o primeiro capítulo narra, inicialmente, o nascimento de Macunaíma, que até os seis anos não falava, fato esse atribuído a preguiça, característica enfatizada pela expressão pronunciada pelo personagem ao logo da narrativa “*Ai! Que preguiça!*”, mas que foi resolvido ao tomar água de chocalho (crença popular, pessoa que fala muito). Além dessa característica de preguiçoso, a narrativa nos permite atribuir a Macunaíma outras como: malandro, imoral (sexualmente falando).

Ainda no primeiro capítulo, Macunaíma se transforma em príncipe e “brinca” com Sofará, mulher do seu irmão Jiguê, e em seguida apronta sua primeira artimanha para caçar uma anta. Em seguida, Jiguê encontra outra mulher e Macunaíma engana sua própria mãe, que se vinga do filho, e em um revide o personagem se engana e acaba matando a própria mãe.

Com esse acontecimento, os irmãos decidem sair daquele lugar, e, em uma nova jornada, Macunaíma “brinca” violentamente com Ci, Mãe do Mato,

que acaba dando luz a um filho seu, de pele vermelha. A criança acaba morrendo envenenada e Macunaíma é apresentado por Ci com uma muiraquitã. O filho dos dois acaba se transformando em estrela e na sua cova nasce um guaraná. Esse capítulo, assim como os demais, evidencia o caráter mítico, fantasioso, da obra.

No capítulo IV Macunaíma perde a pedra preciosa, o muiraquitã, em um confronto com a Boiúna Capei (cobra grande) e descobre que ela foi parar nas mãos de um fazendeiro rico da cidade de São Paulo. O capítulo seguinte, então, narra o episódio em que Macunaíma, ao se banhar em um rio mágico, se torna branco, Jiguê, seu irmão, consegue ficar apenas na cor do índio nativo, e Maanape, por ser o último a se banhar, continua negro. Ao chegar na cidade, o herói se encanta com as máquinas e com o modo de vidas das pessoas que ali habitam.

Com o intuito de recuperar o muiraquitã, Macunaíma se utiliza de artimanhas para conseguir enganar o fazendeiro rico, transformando-se em uma francesa (capítulo VI) e, ao ir ao Rio de Janeiro, procura figuras santas para realizar macumba (capítulo VII). No entanto, nenhuma dessas tentativas foram eficazes para trazer seu objeto de volta. A seguir, o capítulo IX traz a carta para as icamiabas, escrita pelo herói através de uma escrita clássica. Posteriormente, temos a narração do mito do Pauí-Pódole, história contada pelo herói nas festas do Dia do Cruzeiro.

No capítulo XI Macunaíma é quase preso, ao realizar mentiras, e ao fugir cai numa armadilha da esposa do gigante e pra se safar foge com a velha passando por várias aventuras em boa parte do país. Esse capítulo surpreende o leitor com os acontecimentos e com a velocidade mágica a qual Macunaíma perpassa vários lugares. Em seguida, o herói morre e ressuscita, com ajuda de Maanape, que junto a Jiguê cuidam do irmão. Macunaíma trai novamente o irmão, com Suzi, que pega os dois juntos, e decide mandá-la ir embora, que se transforma em estrela (capítulo XIII) – reinvenção mágica trazida na obra.

Em seguida, com a morte do gigante Piaimã, o herói consegue ter o muiraquitã de volta, e junto a seus irmãos retorna para sua terra e resgata Iriqui, sua companheira. Além desses acontecimentos, o capítulo XV narra outras transformações mágicas, como um pé de carambola em princesa e Iriqui em estrela.

Através de vários acontecimentos mágicos descritos no capítulo seguinte, o herói sofre com a solidão, pois acaba ficando sozinho, e com a magia do Pauí-Pódole acaba se transformando numa Constelação de Ursa Maior. Com esse capítulo, destacamos uma visão pessimista da obra, em que, aos poucos, tudo se acaba, se torna vazio, sem perspectivas, (visão do colonialismo). O último capítulo, intitulado como Epílogo, se refere a reprodução da história de Macunaíma por uma ave, o aruaí, e que tem como

ouvinte o próprio Mário de Andrade, que traz nessa obra as aventuras desse personagem heroico.

Nesse entendimento, dizemos que a obra narra, através de reinvenções, a vida de um personagem que representa a identidade de uma nação. Ademais, o texto literário chama atenção do leitor, e o confunde também, com o improvisado da narrativa, impressionando-o e surpreende-o a cada momento, tendo como pano de fundo a cultura popular.

5 Aspectos sociais na narrativa “Macunaíma”: a construção da nacionalidade do Brasil

No que diz respeito ao caráter nacionalista da obra, evidenciado pelos aspectos sociais nela presentes, cultura e identidade étnica, caracterizamos, inicialmente, a linguagem da narrativa como sendo coloquial, uma vez que se aproxima da realidade da fala, isto é, da oralidade, e que devido à ausência da pontuação, confere ao leitor a ideia de que os acontecimentos passam numa velocidade incomum. O trecho abaixo ilustra essa percepção:

No outro dia esperou com o olho esquerdo dormindo que Jiguê partisse, foi atrás. Descobriu tudo. Quando o ano voltou para tapear Macunaíma pegou na violinha, fez talequal reparara e veio uma imundície de caça, viados cotias tamanduás capivaras tatus aparemas pacas graxains, lontras muçuãs catetos monos tejus queixadas antas, a nata sabatira, onças, a onça pinima a papaviado a jaguatirica, suçuarana canguçu pixuna, isso era uma imundície de caças! (ANDRADE, 2000, capítulo XVI)

Com essa linguagem, contrária ao tradicionalismo, a que o Modernismo rompe, percebemos, em trechos da obra, a presença da cultura popular referentes a provérbios e ditos populares (crenças). Os trechos a seguir ilustram, respectivamente, essa percepção: “[...] espinho que pinica, de pequeno já traz a ponta” (capítulo I); “ – Mãe, sonhei que caiu meu dente. – Isso é morte de parente, comentou a velha” (capítulo II). Além disso, através das figuras do Curupira e do Negrinho do Pastoreio, destacamos a presença da cultura do folclore brasileiro.

No que diz respeito a identidade múltipla do personagem heroico, destacamos três aspectos observados na obra, o primeiro deles relacionado aos seus valores morais, percebido no capítulo “Ci, Mãe do Mato”, em que Macunaíma “brinca” com a personagem supracitada. O termo em aspas se refere a um ato sexual realizado pelo herói de maneira violenta que, além de configurar um ato abusivo, consiste em um desrespeito a tribo que Ci, Mãe do Mato pertence, pois foi rompida a tradição de não manter relações sexuais.

O trecho abaixo, relata esse entendimento:

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

[...] Ci, Mãe do Mato [...] moça que fazia parte dessa tribo de mulheres sozinhas, [...] o herói se atirou por cima dela pra brincar. [...] Maanape trançou os braços dela por detrás enquanto Jiguê com a murucu lhe dava uma porrada no coco. [...] Quando ficou bem imóvel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. (ANDRADE, 2000, capítulo III)

O segundo aspecto se refere as mentiras realizadas pelo herói, especialmente no capítulo “A velha Ceiuci”, em que ele narra histórias contadas que enalteciam-no enquanto valente, guerreiro, um bom caçador, e é quase preso ao descobrirem que era tudo mentira. “[...] – O herói nunca matou viado! Não tinha nenhum viado na caçada não! Gato miador, pouco caçador, gente! Em vez foram dois ratos chamuscados que Macunaíma pegou e comeu”. (ANDRADE, 2000, capítulo: XI)

Outra característica atribuída a múltipla identidade de Macunaíma consiste no seu mau caráter em trair o seu irmão, com a sua mais nova companheira – Suzi. Mesmo tendo estado aos seus cuidados, quando fora morto em um episódio anterior, Macunaíma não hesita e acaba mantendo relações sexuais com a jovem. O recorte abaixo descreve essa percepção:

[...] Quando Suzi se vestia para ir na feira, assobiava o fox-trote da moda pro namorado ir também. O namorado era Macunaíma, ia. A companheira de Jiguê saía e Macunaíma saía atrás. Andavam brincando por aí e quando chegava a hora da volta já não tinha macaxeira mais na feira.” (ANDRADE, 2000, capítulo XII)

Ainda no que diz respeito a essa diversidade de identidades, o capítulo V narra um dos episódios mais marcantes da obra, e de interesse deste trabalho, pois consiste na apresentação das três raças distintas que representam a percepção cultural miscigenada de construção do brasileiro. Através dessas três raças, temos o europeu representado pela raça do branco, o africano pela figura do negro, e o brasileiro pela imagem do índio nativo, o que evidencia a diversidade identidade étnica presente na obra.

O recorte abaixo, do texto literário, exemplifica essa percepção:

*[...] Quando o herói saiu do banho estava **branco** louro e de olhos azuizinhos, água lavara o permuté dele. [...] Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém a água já estava muito suja da negrura do herói e [...] só conseguiu ficar da **cor do bronze** novo. [...] Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou **negro** bem filho da tribo dos Tapanhumas. [grifos nossos] (ANDRADE, 2000, capítulo V)*

Nisso, reiteramos que a referida obra é resultado de um trabalho exaustivo do autor, de percepção cultural, além da, como vimos anteriormente, reelaboração de mitos, provérbios e crenças do folclore indígena.

Bosi (1998, p. 127-128) destaca que “o desejo de contar e cantar episódios em torno de uma figura lendária [...] que trazia em si atributos do herói” é intenção do autor, Mário de Andrade, com a obra. E com isso, Bosi (1998), analisarmos a obra com base em dois planos, que distintamente dialogam entre si, que é o estético e o ideológico. A linguagem utilizada, a ludicidade, o humor, a fantasia, bem como as reinvenções correspondem ao plano estético da obra, enquanto que o desejo de mostrar ao leitor uma tentativa de compreensão histórica do Brasil através dessa obra, consiste no plano ideológico do autor com a narrativa.

Nessa perspectiva, a presença desses dois planos proporciona ao leitor, além de um envolvimento para com a obra, uma interpretação conceitual dela relacionando-a com a construção da nacionalidade do Brasil, a partir da percepção cultural, social e de identidade étnica presente na obra. Isso, na verdade, consiste em um processo de problematização social da realidade brasileira.

6 CONCLUSÃO

Neste artigo, objetivamos analisar a obra “*Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*” como forma de compreender a nacionalidade do país, através do enfoque cultural e social, bem como da identidade étnica que o texto literário apresenta. Nisso, podemos dizer que a presença de aspectos sociais, relativos a própria linguagem e o cenário sociocultural da obra, revelam uma tentativa de construção nacionalista do brasileiro.

Nessa perspectiva, destacamos como principais resultados alcançados a presença de uma linguagem que reflete uma cultura popular, de vocabulário indígena, relativização de pontuação, além do humor e da velocidade mágica dos acontecimentos (o lúdico), que consiste no plano estético do autor, de “prender” o leitor à obra, exigindo dele atenção a sua cronologia. Além desse, o autor utiliza também um plano ideológico, que concerne na narração das histórias como forma de explanar os valores, a identidade que caracteriza o personagem Macunaíma e a étnica que resulta na construção histórica do brasileiro, enquanto miscigenado, a partir da união de três raças distintas: o branco, o índio nativo e o preto.

Por essa ótica, evidenciamos que o diálogo entre esses dois planos, o estético e o ideológico, resulta na tentativa, apresentada pelo autor com a obra, de compreender a construção da nacionalidade brasileira.



Dessa forma, e sabedores de que esta obra analiticamente apresenta inesgotáveis perspectivas de análise, apontamos como sugestão de pesquisas futuras a correlação do movimento modernista com o Brasil atual, do mundo globalizado. Isso porque modernamente, este feito (a globalização) tem aproximado nações, impulsionado o intercâmbio cultural, ao passo que se acirram questões de ódio, de racismo ou como afirma SANTOS (2001) alastram-se os males espirituais e morais, como os egoísmos e os cinismos. Assim, pensamos ter o Brasil que refundar sua identidade, como fizeram os modernistas, desta vez celebrando um pacto que afirme a grande miscigenação de raças e culturas, das quais verdadeiramente nos formou enquanto sociedade?

Ademais, destacamos que as contribuições desse trabalho permite novas abordagens de análise e é relevante para estudantes, pesquisadores e profissionais da área de Letras, além de servir de base para próximas análises literárias sobre referida a obra. Sobre isso, ainda evidenciamos sua relevância para o campo da Ciências Sociais, como, por exemplo, a História e a Geografia.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Mario de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 31 ed. Rio de Janeiro/belo Horizonte: Garnier, 2000.

BOSI, Alfredo. **Céu e inferno**: ensaios de crítica literária e ideologia. São Paulo: ática, 1988, p. 127-141.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papyrus, 1998.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Desconversa**: ensaios críticos. Rio Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 29-43.

LAFETÁ, João Luiz. Estética e ideologia: o Modernismo em 30. *In*: **A dimensão da noite e outros ensaios**. – 34º ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6º ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p 17 – 21.